

Palestra do Guia Pathwork® nº 184  
Palestra Não Editada  
11 de setembro de 1970

## O SIGNIFICADO DO MAL E SUA TRANSCENDÊNCIA

Saudações, bênçãos e boas vindas aos amigos antigos e novos, a todos aqueles já fizeram progressos na tentativa de encontrar a verdade de seu ser mais profundo, e a todos aqueles que ainda não tomaram providências práticas, mas cuja presença aqui significa uma busca consciente e inconsciente no sentido de encontrar o verdadeiro sentido de sua vida. Falo a todos vocês na palestra desta noite, mas ela é uma sequência das anteriores, que interrompemos antes das férias de verão. No entanto, é também um novo começo a partir do qual, no movimento circular, vocês andam para a frente e para trás – para trás de volta às palestras anteriores, o que deve ser tão significativo quanto é ir para a frente. Isso pode parecer contraditório, mas as verdades espirituais não parecem contraditórias tantas vezes?

Todo ser humano enfrenta continuamente um profundo problema de como manejar as forças destrutivas que abriga em si e dentro das pessoas com quem convive. Esse problema parece infundável, pois desde que a humanidade existe e passou a pensar, foram construídas teorias e filosofias em torno dessa questão. A busca do homem, direta ou indiretamente, sempre esteve relacionada a essa grande condição. Pois todo o sofrimento, na verdade, vem exclusivamente da destrutividade, negatividade ou mal – seja qual for o nome dado – da própria pessoa. A grande dificuldade que o homem enfrenta a esse respeito é que sua mente, com a qual ele procura resolver o problema, é dominada pelo dualismo. Ele concebe duas forças opostas: uma construtiva em oposição a uma destrutiva, o bem em oposição ao mal. No momento em que ele se envolve nesse tipo de conceituação, ele passa a ser incapaz de resolver o problema. Pois ele começa a negar, a rejeitar, a fugir, a reprimir aquilo dentro dele que é de fato destrutivo. Consequentemente, ele só tem consciência parcial de sua existência, e é totalmente incapaz de ver essa parte da maneira como se manifesta. Em outras palavras, ele é obrigado a manifestar a sua destrutividade de maneira indireta – com resultados prejudiciais, mesmo assim. Dessa forma, a culpa aumenta, porque o mal que ele esperava eliminar só aumenta quando é reprimido e expresso indiretamente.

Por causa desse enfoque dualista, surge uma divisão interior no homem, pois ele rejeita toda uma parte de si mesmo, que é energia essencial, poderosa e criativa, e sem a qual ele jamais poderá ser um ser humano completo. Seu senso de percepção fica entorpecido, em resultado da repressão de uma parte indesejável de si mesmo. Quanto menos percepção, maior a fraqueza. Ele fica confuso e menos capaz de resolver esse problema, ou qualquer outro. O trabalho do caminho, naturalmente, tem como preocupação primordial enfrentar essas partes e aspectos indesejáveis, a fim de eliminar a cegueira que a própria pessoa se impõe. Já se constatou muitas e muitas vezes que esse confronto, em vez de provocar a devastação que se teme, desperta energia vital e faz de vocês pessoas mais

completas. Mas para todos vocês resta um problema, que é como lidar com esse material indesejável que começa a se manifestar. Vou falar mais sobre esse tema, não apenas nesta palestra mas em outras em nosso próximo ano de trabalho, centradas principalmente nesse aspecto do trabalho de auto-libertação. Já discuti alguns aspectos desse problema na temporada passada de nosso trabalho – e anteriormente também, é claro. Mas este ano precisamos nos concentrar mais nesse tema, pois há um número maior de vocês que agora são capazes de enfrentar e admitir o que foi negado por tanto tempo. E então? Sim, a meditação é um aspecto muitíssimo necessário, pois sem a grande mente, a pequena mente é incapaz de introduzir mudanças. Mas também é necessário ter conceitos e ideias mais claras. Os conceitos de vocês precisam ser mais exatos e de acordo com a verdade; caso contrário, ideias falsas, ou mesmo vagas, vão constituir um obstáculo. Se, por exemplo, vocês imaginarem que a inteligência maior dentro de vocês tem o poder de fazer desaparecer a força destrutiva, a meditação e o pedido de ajuda ficarão sem resposta. Até mesmo o processo vago, a concepção imprecisa constituem um entrave.

A maioria das religiões envolve a abordagem dualista a essa grande questão. A abordagem dualista reforça o medo que o homem tem de si mesmo e de sua culpa; portanto, só faz aumentar a enorme divisão em sua alma. Ele usa essas energias para forçar-se a ser bom e a não ser mau. Cegueira, compulsão, um quadro artificial da vida criam padrões que se autoperpetuam, com muitas reações em cadeia e ramificações negativas.

Por outro lado, existem também filosofias que postulam que não existe o mal. O mal é uma ilusão. Isso é tão verdadeiro quanto a abordagem oposta, que postula o perigo do mal, seu poder destruidor da vida, e a infelicidade e o sofrimento que ele traz. O postulado de que o mal é uma ilusão é verdadeiro no sentido que, como procuro explicar, existe apenas um grande poder criativo. Existe união, tudo é um na consciência daqueles que transcenderam os níveis dualistas. Como acontece tantas vezes, essas duas abordagens opostas expressam grandes verdades, mas a exclusividade com que são concebidas e perpetuadas também faz sua verdade ser não verdadeira. Negar a realidade do mal resulta em pensamento desejoso, mais cegueira, negação do eu; diminui a consciência, em vez de ampliá-la. É criado um falso quadro da realidade – a realidade do estado atual.

Vamos recapitular. A negação do mal neste plano da consciência é tão irrealista como é falso acreditar que existem duas forças separadas: uma boa e uma má, de forma que esta última precisa ser destruída, riscada do mapa, levada ao desaparecimento – como se fosse possível fazer alguma coisa desaparecer no universo! Entre essas duas alternativas, o homem precisa esforçar-se para encontrar as respostas. Esta palestra pretende ajudar nesse sentido.

As duas abordagens levam à repressão. No entanto, o reconhecimento do mal também leva à possibilidade de ainda maior destruição. Pode levar a uma justificativa e tolerância do que é realmente indesejável. Pode resultar num comportamento moralista, e nesse caso a culpa é reprimida.

Vamos procurar agora um meio de tratar desse problema de maneira a evitar as armadilhas mencionadas acima. Vamos procurar conciliar as duas abordagens gerais à questão do mal. Já falamos sobre isso anteriormente, é claro, em certa medida, mas desta vez vamos nos concentrar mais na questão.

Todos vocês já passaram por ocasiões em que se sentem ameaçados, ansiosos e pouco à vontade quando confrontados com determinadas atitudes, traços, características indesejáveis de vocês.

Todas as defesas que vocês montaram com tanto cuidado servem para protegê-los – não apenas contra o mal dos outros, mas basicamente contra a admissão do seu próprio mal. O significado dessa reação precisa ser entendido com muito maior profundidade. Muita coisa é tomada como natural e vista apenas superficialmente, dando-se um nome à reação e deixando as coisas nesse ponto. O significado dessa reação de medo, desconforto, ansiedade nada mais é do que a expressão do seguinte: “tal coisa não deveria existir em mim.” Se examinarem a causa, toda vez que se sentem ansiosos, vão descobrir sempre que, em última análise, vocês ficam apreensivos com o seu próprio mal, independentemente do quanto outra pessoa ou um fato exterior pareçam ameaçadores. Se traduzirem essa ansiedade em palavras bem definidas, como acabei de fazer, se conseguirem verbalizar o pensamento interior de que determinadas atitudes ou sentimentos “não deveriam existir em vocês”, poderão confrontar essa sua atitude em relação ao mal de uma maneira muito melhor. Pois o mal em si não provoca nem a metade do dano provocado pela atitude de vocês em relação a ele. Vamos voltar a isso mais adiante. Daqui por diante, façam isso em vez de fugir, como de hábito, pois a fuga gera a doença emocional, os problemas, o sofrimento. Percebam o medo e o pensamento por trás do medo, “eu não deveria ser assim”. Se esse medo for ignorado, o problema piora.

Como eu já disse muitas, muitas vezes, nossa meta neste caminho é exatamente o conhecimento e a aceitação do mal. A palavra aceitação tem sido muito usada – por falta de outra melhor – porém seu sentido muitas vezes se perde. Precisamos prestar mais atenção no modo como a aceitação deve existir. Somente quando a aceitação acontece da maneira certa é que o mal pode ser incorporado e reformado – na mais verdadeira acepção do termo. Nesse caso, vocês podem transformar uma força que se tornou imprópria. A maioria dos seres humanos esquece totalmente ou ignora o fato de que o que há de pior neles é essencialmente poder criativo e fluxo e energia universais, que são altamente desejáveis. É somente quando verdadeiramente entenderem isso, meus amigos, que vocês vão aprender a lidar com todos os aspectos de si mesmos. A quase totalidade dos seres humanos, com poucas, pouquíssimas exceções, só conhece uma pequena parte de si mesmos. Eles aceitam, conhecem e querem conhecer apenas uma parte relativamente pequena da personalidade total. Isso, naturalmente, é uma terrível perda para eles mesmos. Não conhecer o que é indesejável em sua manifestação atual não apenas os separa do que já está limpo, libertado, purificado, bom. Também cria a bem conhecida situação da maioria das pessoas, ou seja, não amam nem respeitam a si mesmas, porque não têm percepção real de sua herança divina, de sua bondade verdadeira, já manifesta. Tudo isso parece irreal, até falso, porque elas se recusam a atacar os elementos destrutivos que contêm. Mas o que é ainda mais importante e fundamental para esse problema é que o fato de fechar essa parte indesejável faz com que ela não consiga mudar, permanecendo estagnada e paralisada.

O preço a pagar pelo reconhecimento e aceitação do aspecto destrutivo e mau do eu parece alto demais. Parece ser assim. Na verdade não é. Pelo contrário, o preço da negação é enorme. A busca por tentativas às vezes parece muito confusa, até descobrirem o método e a maneira em que se torna possível aceitar os impulsos e desejos negativos sem justificá-los; entendê-los sem conservá-los; avaliá-los realisticamente sem cair nas armadilhas da projeção, da autojustificativa, da isenção hipócrita de si mesmo, da inculpação dos outros, de inventar desculpas para o eu, do excesso de tolerância consigo mesmo, da negação, da repressão e da fuga. É preciso ter inspiração contínua das forças superiores internas, e uma articulação deliberada em pedir claramente a ajuda delas, para despertar e manter a consciência dos aspectos destrutivos e saber qual o método apropriado para lidar com eles.

Sempre que se encontram em um estado de espírito desagradável, uma situação ameaçadora, sentindo-se confusos e no escuro, podem ter certeza de que, sejam quais forem as circunstâncias externas, a essência do problema é a negação e o medo das suas próprias atitudes destrutivas, o fato de não saberem como lidar com elas. A admissão desse fato, por si só, traz alívio imediato e desarma quase instantaneamente o poder negativo delas. Esse novo ano de trabalho precisa ser voltado especificamente para aprender a lidar com as forças destrutivas. Vocês precisam aprender quais são os passos para poderem incorporar esse poder, em vez de separar-se dele.

O primeiro passo é a aplicação da teoria de que a destrutividade, o mal, não é uma força final, separada. Vocês precisam pensar nisso não apenas em termos gerais, filosóficos, como talvez já tenham feito com maior ou menor frequência. Vocês precisam considerar os aspectos específicos de si mesmos que estão combatendo conscientemente, que provocam sentimentos de culpa e medo, e aplicar esse conhecimento a tudo que é mais desagradável para vocês – em si mesmos e nos outros. Não importa o quanto algumas dessas manifestações sejam de fato feias – por exemplo crueldade, despeito, arrogância, desprezo, egoísmo, indiferença, cobiça, mentira, e muitas mais – vocês podem entender que todas elas são uma corrente de energia que a princípio era boa, bela e uma afirmação da vida. Pesquisando nessa linha, vocês acabarão entendendo e sentindo como isso é verdadeiro em casos específicos, como um determinado impulso hostil era, na origem, uma força boa. Quando entenderem isso, terão avançado substancialmente no sentido de transformar a hostilidade e liberar a energia que está sendo canalizada de uma maneira realmente indesejável e destrutiva, ou está paralisada e estagnada. Vocês precisam verbalizar a percepção de que esses traços feios, sejam quais forem, são um poder que pode ser usado do modo como quiserem. Esse poder pode ser uma ferramenta criativa para gerar felicidade, alegria, prazer, amor, expansão de vocês e daqueles que os rodeiam – a mesma energia que agora se manifesta como hostilidade, inveja, ódio, raiva, amargura, autopiedade, culpa, etc. etc. Essa lista pode ser ampliada, mas isso não é necessário, pois trata-se apenas de variantes do mesmo tema sobre o qual já falamos tantas vezes. Todos conhecem esses aspectos de si mesmos, ou pelo menos estão começando a conhecer. Mas mesmo assim, depois de todo esse tempo, nenhum de vocês aqui presentes consegue entender de fato que aquilo que mais lhes desagrada em si mesmos é essencialmente um poder altamente desejável e criativo. Vocês não gostam porque esse poder não é desejável na forma como se manifesta no momento. Em outras palavras, vocês precisam ser capazes de aprender a reconhecer plenamente que o modo como o poder se manifesta é indesejável, mas a corrente de energia que produz essa manifestação é, em si mesma, desejável. Pois ela é feita da própria matéria vida. Ela contém consciência e energia criativa. Tem todas as possibilidades de manifestar e expressar a vida, de criar novas manifestações de vida. Contém o que há de melhor na vida, pois vocês vivenciam a vida no que ela tem de melhor – e muito mais do que puderam vivenciar até agora, assim como o melhor da vida que já se revelou a vocês contém a possibilidade do pior. Se puderem imaginar as possibilidades de todas as manifestações da vida, porque a vida é um processo permanente, em andamento, móvel, fluente, vocês jamais ficarão fixados nas finalidades, que geram erro, confusão e dualismo.

Assim, vocês vêem que, ao negar o mal em si mesmos, vocês causam à personalidade como um todo, à sua espiritualidade manifesta, um dano maior do que percebem. Ao negar, vocês desativam uma parte essencial das suas energias e forças criativas, de modo que elas ficam paralisadas. Da paralisção vem a putrefação. A matéria se putrifica quando está parada, quando não tem mais possibilidade de se movimentar. O mesmo acontece com a consciência. Ela se putrifica quando fica estagnada. A vida, como vocês me ouviram dizer muitas vezes, é um processo em movimento con-

tínuo. Quando fica parada, ocorre a manifestação da morte temporária. Como a vida é eterna, as manifestações de morte só podem ser temporárias. Isso não se aplica apenas a seres humanos, a entidades, mas também à matéria e à energia. Enquanto o fluxo de energia é interrompido, ocorre um processo de morte, até o fluxo ser liberado novamente. Essa é a manifestação e o sentido (mais um) da morte neste plano de consciência. Isso também se aplica aos objetos: quando o objeto apodrece, se quebra, se desintegra, a energia dele fica interrompida, seja qual for a razão. Essa mesma energia interrompida precisa, em algum momento, recomeçar a fluir – talvez muito depois dessa manifestação específica. Já discuti anteriormente a inter-relação entre consciência, energia e matéria. A matéria é sempre uma condensação e uma manifestação da consciência. O modo como a energia flui – ou não flui – e a forma que assume quando se condensa depende da atitude de consciência “que está por trás”, ou melhor, que é intrínseca a um aspecto específico da criação. Assim, a putrefação (morte) é o resultado da consciência errônea. Da mesma forma, a destrutividade é uma forma errônea de consciência. Ela leva necessariamente, ou diretamente (pela manifestação, pela expressão direta) ou indiretamente (pela negação, i.e. estagnação) à negação da vida. É por isso que nem todas as emoções supostamente negativas são sempre necessariamente indesejáveis. A raiva, por exemplo, pode ser uma expressão que promove a vida e se volta para sua negação. Mas a negação da raiva transforma-se em hostilidade, crueldade, despeito, ódio de si mesmo, raiva, confusão entre culpar os outros e culpar o eu, e é assim uma corrente de energia negativa.

A morte se tornará supérflua, e será superada, unicamente quando a energia deixar de ficar estagnada, quando puder se movimentar. Isso só pode acontecer primeiramente no plano da mente, quando o mal é entendido como um fluxo de energia intrinsecamente divina, momentaneamente distorcida por causa de determinadas ideias, conceitos e percepções erradas. Assim, ele deixa de ser rejeitado em sua essência. Portanto, passa a ficar incorporado ao sistema. É exatamente isso que o homem tem mais dificuldade em fazer. De fato, tem tanta dificuldade que ele tende até a esquecer desses aspectos de si mesmo que já estão livres de distorções, do mal e da destrutividade, que estão realmente liberados e limpos, que são bons, belos e divinos.

Toda a luta, a boa vontade de vocês é bonita. Até suas crises de consciência, apesar da culpa deslocada, são provenientes das melhores e mais bonitas manifestações da consciência. Vocês negam, ignoram, deixam de vivenciar o que há de melhor em vocês enquanto negam, ignoram e deixam de vivenciar o mal que há em vocês. Distorcem seu conceito de si mesmos ao negar qualquer parte, não importa o quanto ela seja feia na forma atual.

A chave essencial para a integração total do mal, para sua transformação, é o entendimento de sua natureza original e da possibilidade implícita que ele tem de manifestar-se outra vez na sua forma original. Essa deve ser a meta, meus amigos. Enquanto procurarem tornar-se bons negando o mal, forçando a si mesmos a ser o que ainda não podem ser o que de fato nunca poderão ser, permanecerão no doloroso estado de divisão interior, de autonegação parcial, de paralisia das forças vitais. Eu digo “o que vocês nunca poderão ser”, porque a expectativa de vocês tem por base uma visão irrealista quando querem destruir, ou eliminar por um passe de mágica, uma parte vital de si mesmos, quando não aceitam a desejabilidade intrínseca da energia criativa que está contida até nos seus aspectos mais destrutivos. Vocês não poderão ser inteiros enquanto cultivaram essa atitude errônea.

Quero repetir que isso não significa justificar, desculpar, racionalizar os aspectos indesejáveis do eu. Muito pelo contrário, significa admiti-los plenamente, expressá-los honestamente, sem procurar desculpas colocando a culpa nos outros – e mesmo assim sem perder as esperanças, sem rejeitar

a si mesmos por causa disso. Parece muito difícil, mas sem dúvida é possível adquirir essa atitude se a tentativa for sincera, se de fato orarem por orientação para essa finalidade.

Quando deixarem de negar a feiura em vocês, não precisarão também continuar a negar a beleza. Existe tanta beleza em todos vocês que já está livre e se manifesta – beleza que vocês negam totalmente, ignoram, não percebem nem vivenciam! E não estou falando apenas da potencialidade ainda a ser desenvolvida, estou falando de beleza concretizada. Pensem nisso. Orem para ter consciência da beleza, como oram para ter consciência da feiura. Quando conseguirem perceber ambas – sem que uma aniquile a outra – terão dado um passo substancial para uma visão realista da vida e de si mesmos, que lhes permitirá lidar com a vida e consigo mesmos e integrar o que agora os fragmenta.

Quando conseguirem ter em mente sempre os dois lados, vocês também conseguirão fazer isso com os outros. A tendência de vocês é, exatamente como fazem consigo mesmos, rejeitar e negar totalmente uma pessoa quando percebem sua destrutividade e reagem a ela – ou quando reagem emocionalmente a sua bondade e beleza interior, deixando de perceber o lado feio. Vocês ainda não conseguem ver a realidade da dualidade que existe atualmente em vocês, e portanto nos outros. Isso cria um conflito, uma luta contínua, que só conseguirão transcender de fato quando aceitarem a dualidade.

Nenhuma expansão da consciência, nenhuma integração, nenhuma transcendência é possível quando a consciência está amortecida, quando a percepção está bloqueada. A percepção do mal fica necessariamente bloqueada quando ele é visto de maneira distorcida, quando se ignora que o mal não passa de uma distorção de uma corrente de poder criativo divino. Essa distorção e falta de percepção fazem com que neguem, paralitem, interrompam e bloqueiem o próprio processo criativo.

De vez em quando menciono um dos princípios que discuti nas primeiras palestras, que é a tríade da principal fonte de distorção e destrutividade do homem – vontade do eu, orgulho e medo. À primeira vista, pode parecer estranho alegar que esses traços são mais responsáveis pelo mal do que os traços realmente maus, como despeito, crueldade, inveja, hostilidade, egoísmo, etc. etc. Como o orgulho, a vontade do eu ou o medo podem ser considerados mais destrutivos do que, por exemplo, o ódio? A resposta a essa pergunta é muito simples. Não são as atitudes abertamente destrutivas que constituem o verdadeiro mal. Se vocês as admitirem, elas continuam fluindo. O maior ódio, o despeito mais vingativo, os piores impulsos de crueldade, quando admitidos franca e honestamente, quando não são manifestados irresponsavelmente nem reprimidos e negados, quando são plenamente aceitos como são, jamais se tornam prejudiciais. Sua intensidade diminui na medida em que são admitidos, vistos, encarados, e mais cedo ou mais tarde se transformam em energia fluente, criadora de vida. O ódio se transforma em amor, a crueldade em agressão saudável e autoafirmação, a estagnação em alegria e prazer. Isso acontece inevitavelmente. Não é uma mera teoria. Muitos de vocês já viram que é assim, sempre que tiveram oportunidade de usar a dose adequada de autoaceitação. Mas essa percepção precisa ser tentada muitas e muitas vezes até se tornar uma segunda natureza, até não ser mais esquecida. Quando vocês colocam para fora a destrutividade, de maneira cega e hipócrita, expressam o mal no seu mundo. Ao negar sua existência, vocês fazem a energia criativa vital ficar estagnada, e ela apodrece em seu interior. Quando vocês a reconhecem francamente, não a manifestam nem a negam. Dessa forma, é liberado o fluxo de energia criativa.

O orgulho, a vontade do eu e o medo são diferentes formas de negação, sendo, portanto, mais perigosos que o próprio mal que negam. Quero lembrar mais uma vez a meus amigos do caminho que eles já viram o quanto isso é verdadeiro: na medida em que o mal é adequadamente encarado, segue-se um estado de aceitar a si mesmo, gostar de si mesmo, com nova energia, e sentimentos mais profundos de amor e prazer. Mas o orgulho, a vontade do eu e o medo tornam impossível essa atitude curativa. A vontade do eu é muito concentrada na insistência para que, em caso de aceitação de uma realidade atual do eu, ela possa ceder, possa abrir mão da insistência. Ela deseja já estar em outro estado de consciência, ser melhor do que é agora. Mas deixa de atingir esse objetivo, pois é impossível superar alguma coisa que não se quer admitir. A vontade do eu faz a pessoa rígida, e a rigidez é contrária ao fluxo do movimento da vida. A vontade do eu diz “não aceito essa realidade como é agora, as coisas precisam ser como insisto que são.” Isso torna impossível a verdadeira admissão.

O orgulho diz “não quero ter esses traços feios”. A verdade requer flexibilidade e humildade. Também requer coragem. O medo supõe que aceitar e admitir a feiura tornará a feiura predominante. Assim, o medo também nega a fé justificada na maneira como o mundo foi criado. Se a admissão verdadeira do que é significasse ruína, aniquilação, perigo, caos, a sequência lógica dessa suposição seria que o mundo foi construído com base em engano, fingimento, negação. Mesmo que esses pensamentos raramente sejam enunciados, pois não têm sentido, muitas pessoas sem querer constroem a vida com base nessas suposições. A atitude delas expressa essa filosofia.

Quando se abre mão da vontade do eu, isso não diminui o livre espírito de autoexpressão. Quando se abre mão do orgulho que esconde o mal, isso não diminui a dignidade autêntica do homem. Quando se abre mão do medo, nem por isso o mal toma conta de tudo. Em todos esses casos, ocorre exatamente o contrário. Já disse muitas vezes que não é o impulso destrutivo em si que representa o verdadeiro dano, o verdadeiro prejuízo, e sim a atitude em relação a ele. É por isso que qualquer pessoa que incorpora e aceita os aspectos negativos descobre, para sua enorme surpresa, o contrário do que sua apreensão lhe indicava: ela passa a gostar mais de si mesma, a se respeitar mais.

É isso, meus amigos, o que vocês precisam aprender. Ainda é preciso caminhar muito, mesmo que essas palavras pareçam já muito conhecidas. Por enquanto, vocês não chegaram nem perto do que precisam fazer no sentido de colocar essas palavras em prática, para serem íntegros e se sentirem um só com o universo. Quanto mais fizerem isso, mais alegria terão na vida, mais poderão moldar o próprio destino – não por meio do controle do ego, mas sim pela capacidade realista de criar com a matéria vital que está à sua disposição. A chave é aprender a encontrar a força destrutiva de modo a poder transformá-la de novo em sua natureza original, e assim incorporá-la à totalidade do seu ser.

Querem fazer perguntas sobre esse tema?

PERGUNTA: Como você disse na palestra, existem coisas em mim que acho que são erradas, más. No entanto, eu gosto de fazer essas coisas, elas me dão prazer. Depois me sinto culpado – por exemplo quando gasto dinheiro demais. Estou negando esse aspecto totalmente.

Você pode me ajudar com esse problema?

RESPOSTA: Sim, vocês estão vendo, esse é um bom exemplo de uma situação difícil nascida desse conflito. Espero ouvir mais problemas pessoais desse tipo, para poder ajudá-los em casos específicos. Pois bem, o que você está dizendo é tão característico. Você nega tudo a esse respeito. Dessa forma, você cria um problema insolúvel: ou desiste de todo o prazer derivado de gastar demais e da irresponsabilidade, para poder ser respeitável, maduro, realista, responsável por si mesmo, seguro. Ou você tem uma espécie de prazer que decorre desses traços, mas a um custo enorme em termos de culpa, posterior privação, insegurança, e medo de não conseguir administrar a própria vida. Se, por um lado, você vir que “por trás” da compulsão a gastar demais e ser irresponsável existe um anseio, legítimo em si mesmo, de prazer, expansão, experiências novas, esse problema vai deixar de existir. Em outras palavras, você precisa incorporar a essência desse desejo. Depois, terá muito menos dificuldade em concretizar o desejo de uma maneira realista, que não será prejudicial para você no fim das contas. O obstáculo agora é que você está às voltas com um daqueles típicos problemas ou isso ou aquilo, que acabei de mencionar. Como você pode querer deixar de ser irresponsável se a responsabilidade implicar uma vida com pouco prazer, com pouco espaço para autoexpressão? Como você realmente não quer abrir mão dessa falha, você se sente necessariamente culpado. Assim, rejeita a parte vital que, com todo direito, deseja vivenciar a criação com o máximo de prazer, mas não sabe fazer isso sem precisar explorar os outros, sem ser um parasita, de uma forma ou de outra. No entanto, se você conseguir aceitar plenamente a bela força que está por trás da irresponsabilidade, e valorizá-la como tal, você também encontrará um meio de dar expressão a ela, sem cometer infrações contra os outros, sem violar as suas próprias leis de equilíbrio, e sem o desnecessário custo em termos de preocupação, ansiedade, culpa, incapacidade de administrar, que você paga quando sacrifica sua paz de espírito por um prazer passageiro. O prazer será mais profundo, mais duradouro, e totalmente sem culpa, desde que o direito de ter o prazer seja acompanhado de autodisciplina. Se conseguir conciliar o desejo do prazer com autodisciplina e responsabilidade, vai expressar a sabedoria interior que diz “quero desfrutar a vida. Ela oferece experiências maravilhosas. Há muitas maneiras bonitas de autoexpressão. O universo oferece abundância ilimitada para todos os casos. O possível não tem limites. Posso concretizar o possível e introduzi-lo em minha vida, e posso encontrar outra forma de expressar e obter prazer. A própria necessidade de responsabilidade por si mesmo, no sentido mais profundo, e de autodisciplina, vai tornar cada vez mais possível a alegria, o prazer, a autoexpressão. Se não adquirir essas características, vou continuar vivendo com privações e conflitos.” Será muito mais fácil adquirir essa disciplina, a disposição para isso vai aumentar quando você souber que tem todo o direito de usá-la para aumentar seu prazer, alegria e autoexpressão.

Meus queridíssimos amigos, esta palestra proporciona a vocês material novo que exige muita atenção, que vocês devem aplicar a seu caso específico – sua situação, seus problemas, dificuldades e sentimentos. Significa abrir o seu ser mais profundo para aplicar esse material – não apenas em teoria, pensando e entendendo a questão em termos gerais, mas realmente enxergando de que maneira vocês negam o que existe em vocês, por medo e por culpa, o que acaba paralisando o que há de melhor em vocês.

Esse novo ano de trabalho tem tudo para ser muito proveitoso. À medida que passam os anos nesse nosso trabalho conjunto, vemos que o ano que termina é sempre mais profundo em termos de crescimento e mais significativo em termos de expansão do que o anterior. Acho que é fácil comprovar isso no caso da maioria de vocês. Há um progresso constante, uma maior concretização de



energia por parte de todos aqueles que contribuem para nosso empreendimento, graças à vontade de crescer e descobrir a verdade sobre si mesmos.

E para aqueles aqui presentes que estão desanimados e sem esperança, só posso dizer: vocês estão iludidos, estão errados quando têm esses sentimentos em relação a vocês mesmos. Entendam isso e peçam pela verdade, pois na verdade não há desesperança, e os períodos difíceis só precisam ser trabalhados e entendidos para que, de pedras no caminho, se transformem em degraus que vocês podem subir para abrir mais a vida e colocar nela mais luz e autoexpressão. Recebam amor e bênçãos, queridos amigos. Fiquem em paz.

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.